

CAPÍTULO 13

PESSOAS IDOSAS NEGRAS LGBTI+

Uma interseccionalidade de
raça, gênero e idade marcada por
inequidades e discriminações

ALEXANDRE DA SILVA

DOI: doi.org/10.24328/2021/92908.00/13

No nosso cotidiano a presença de pessoas idosas negras LGBTI+ ainda gera um estranhamento que reflete as acumuladas discriminações sofridas por esse grupo social ao longo da vida. Trata-se do racismo que vem desde a infância gerando adoecimentos físicos, mentais e emocionais. Ocorre também o etarismo¹ e, ainda que idosos e idosas constituam o segmento populacional que mais cresce no país, nota-se o aumento das barreiras para o envelhecimento ativo de todas as pessoas de 60 anos ou mais. Existe ainda a discriminação por não seguirem um comportamento heteronormativo. Sua velhice é considerada dissidente por “transgredir” valores sociais que aumentam as inequidades sociais e repercutem limitando as condições de vida para alcançar uma boa saúde e participação social.

Há muitas crenças, práticas e saberes discriminatórios, seja pelo tipo de ocupação profissional e consequente baixa remuneração, pelo nível educacional insuficiente alcançado ao longo da vida, por ser da comunidade LGBTI+, por residir em áreas pobres ou por ser negra ou indígena. As intersecções desses indicadores presentes em uma mesma pessoa ou grupo podem demarcar situações de vida ainda piores. Essa interseccionalidade serve para construir trajetórias desiguais e injustas e barreiras de acesso aos serviços de saúde².

Na formação da sociedade brasileira há um extenso capítulo marcado pelas violências ocorridas desde o tempo da invasão do território brasileiro pelos europeus, da vinda forçada de pessoas africanas para o Brasil e das agressões sofridas pelos indígenas. Esses três grupos formaram nossa sociedade e poderiam também ter constituído uma cultura rica de diversidades culturais, com a incorporação de valores dos diversos países africanos, das diversas etnias indígenas e dos diversos países europeus. Mas o que se viu

¹ Veja o capítulo 5: “Etarismos e a diversidade sexual e de gênero”

² Veja o capítulo 8: “Acesso à saúde”

foi a imposição de uma única cultura, atualmente aliada a um modelo econômico causador e propagador de desigualdades sociais, que preteriu muitos saberes e práticas indígenas e afro-brasileiras, e a não assunção dos valores presentes na cultura dos povos africanos e indígenas que enaltecem o papel da mulher, a importância da pessoa mais velha (ancião ou anciã) e do convívio em grupo.

Ser negra e travesti, por exemplo, se contrapõe a um modelo de sociedade na qual o racismo ainda é muito forte e valores patriarcais e machistas são ainda causadores das desigualdades sociais, das violências e, ainda sem sucesso, da tentativa de controle de práticas sexuais. Nessa situação, há uma tendência reiterada de tratar como patológico o que é normal, mas que não é branco, heterossexual, cisgênero e jovem. Segundo o pesquisador Rafael Domingos Oliveira, desde o tempo da colonização já se observa a marginalização da população negra LGBTI+. E isso pode ser retratado na obra *O Bom Crioulo*, de Adolfo Caminha, de 1895, que mostra o romance entre um homem negro e um homem branco. Segundo especialistas em literatura, esse personagem negro é retratado como um degenerado nato, um irresponsável capaz de matar outra pessoa por não ter sido correspondido afetivamente da forma que gostaria.

É sabido que há subnotificação dos dados da violência contra as pessoas idosas negras LGBTI+ e, na maioria dos bancos de dados nacionais, não existem as variáveis para identidade de gênero e orientação sexual, ainda que nos últimos anos se observe o aumento na produção desses registros, como é demonstrado na tabela a seguir.

Tabela 1: Distribuição dos casos de violência interpessoal/autoprovocada em pessoas idosas de 60 anos ou mais de acordo com a identidade de gênero e cor da pele, entre 2016 e 2020 em São Paulo

Identidade de Gênero	Raça/cor da pele				Total
	Preta	Parda	Branca	Ignorado/Branco	
Travesti	-	1	2	-	3
Mulher Transexual	1	4	7	2	14
Homem Transexual	-	1	2	-	3
Total	1	6	11	2	20

Fonte: SINAN NET

Ainda com a escassez de dados, observa-se que na maior capital do país, o percentual de violência interpessoal ou autoprovocada foi proporcionalmente maior nas pessoas idosas negras (isto é, pretas e pardas) homossexuais e nas pessoas idosas brancas bissexuais, colocando a discriminação racial como uma hipótese explicativa dessa distribuição.

Tabela 2: Distribuição dos casos de violência interpessoal/autoprovocada em pessoas idosas de 60 anos ou mais de acordo com a orientação sexual e cor da pele entre 2016 a 2021 no município de São Paulo

Orientação Sexual	Raça/Cor da pele				Total n (%)
	Preta n (%)	Parda n (%)	Branca n (%)	Ignorado/Branco n (%)	
Homossexual (gay/lésbica)	10 (90,91)	25 (92,59)	36 (85,71)	5 (100)	76 (89,41)
Bissexual	1 (9,09)	2 (7,41)	6 (14,29)	-	9 (10,59)
Total	11 (100)	27 (100)	42 (100)	5 (100)	85 (100)

Fonte: SINAN NET.

A intersecção de discriminações decorrente da cor da pele, etnia, local onde reside, classe social e gênero constituem barreiras e injustiças que dificultam o bem viver de pessoas idosas. É o acesso tardio, insuficiente e interrompido nos serviços de saúde, gerando maior adoecimento, ainda que essas doenças tenham bons protocolos de tratamento, como diabetes mellitus, hipertensão arterial, e os problemas de saúde específicos como distúrbios da próstata, útero e mamas.

Na aprendizagem ao longo da vida, a carga dupla ou tripla de discriminação (idade, gênero e cor da pele) e que pode começar desde a infância, resulta em maior evasão escolar ou anos a mais para a conclusão de um ciclo de ensino, refletindo em oportunidades de emprego menos frequentes, aumento da informalidade, baixas remunerações ao longo da vida e aceitação de atividades laborais que causam muito adoecimento e um estresse fisiológico maior, acelerando o envelhecimento do organismo, a ponto de comprometer a obtenção e usufruto de aposentadorias e pensões por anos durante a velhice, incluindo também a dificuldade legal para a obtenção da mesma. Há também, de acordo com a cor da pele autodeclarada, uma taxa de mortalidade maior de pessoas idosas negras antes dos 80 anos se comparadas às pessoas idosas brancas.

Para um bom envelhecimento, há que se considerar a presença de redes de apoio na vida de todas as pessoas, mas a solidão pode ser uma situação mais presente nas pessoas idosas negras LGBTI+. Segundo um estudo realizado no município de São Paulo, o Saúde e Bem-Estar e Envelhecimento (SABE), e outro estudo de caráter nacional intitulado “Idosos no Brasil”, é alto o número de pessoas idosas negras que vivem sozinhas em razão de mortes precoces de familiares e amigos por doenças ou transtornos evitáveis, como também pela baixa conjugalidade, ou seja, pessoas idosas negras, principalmente as pretas, casam ou têm menos relações estáveis ou ficam mais solteiros ou solteiras durante a vida. É provável que

a condição de viver sozinha seja maior para pessoas idosas negras LGBTI+, aumentando suas vulnerabilidades e chances de adoecimentos. Além disso, as pessoas negras LGBTI+ são as que mais sofrem violência, de acordo com um estudo divulgado em 2020 a partir de dados do Sistema de Informação de Agravos de Notificação (SINAN). Nesse estudo brasileiro, as pessoas idosas negras lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais somaram 47,6% das violências ocorridas e notificadas entre todas as pessoas idosas cujos dados foram registrados nesse sistema.

Outra constatação é que o envelhecimento da população negra LGBTI+ necessita urgentemente de mais estudos. Isso é um dos meios para diminuir sua invisibilidade acadêmica e contribuir para que em outras áreas esse protagonismo tenha seu espaço merecido, como na política, na economia, na educação e no lazer, por exemplo.

A desconstrução dessas discriminações passa pela inclusão da diversidade nos espaços públicos e privados, bem como nas instituições. Saberes e práticas de profissionais precisam ser repensados ou modificados para incorporar as especificidades dos cuidados existentes para a população idosa negra LGBTI+, já que as mortes precoces ainda prevalecem nesses grupos, o que faz do envelhecer uma oportunidade ainda pouco frequente. A discussão precisa ser intergeracional e pautada sem preconceitos, já que essa educação com foco na sensibilização e conscientização poderá trazer bons resultados.

No campo da saúde, a busca de pessoas idosas negras LGBTI+ contribuirá para o melhor manejo das condições crônicas ou outras doenças em andamento e isso passa por melhores ações de acolhimento nos serviços de saúde. Profissionais da educação precisam buscar a execução de práticas pedagógicas eficientes para esse grupo social e, sempre que possível, em parceria com a assistência social e outros atores a fim de garantir um trabalho digno que respeite essas pessoas idosas e proporcione condições salutaras para a atividade laboral escolhida por elas.

Ainda há muito o que fazer e iniciativas como esta, de construir um material sobre pessoas idosas LGBTI+, são importantes para aumentar o protagonismo desse grupo social entre os profissionais que atuam no campo da gerontologia. E, mais uma vez, comprovar a diversidade e heterogeneidade do envelhecimento da população brasileira.

REFERÊNCIAS

- ABRAMO, F. P. **Pesquisa Idosos no Brasil II – vivências, desafios e expectativas na 3ª idade**. São Paulo Sesc São Paulo, 2020. Disponível em: https://www.sescsp.org.br/online/artigo/14626_PESQUI-SA+IDOSOS+NO+BRASIL+2+EDICAO+2020 . Acesso em: 3 out. 2020
- ALVES, Mateus E. da S.; DE ARAÚJO, Ludgleydson F. Interseccionalidade, Raça e Sexualidade: Compreensões Para a Velhice de Negros LGBTI+. **Revista de Psicologia da IMED**. Disponível em: <https://seer.imed.edu.br/index.php/revistapsico/article/view/3517/2539%3E>. Acesso em: 11 mar. 2021.
- OLIVEIRA, R. D. Raça e sexualidade na formação social brasileira: notas sobre um episódio literário “homoerótico” na aurora republicana. In: SILVA, M. L. da et al. (Eds.). **Violência e sociedade: o racismo como estruturante da sociedade e da subjetividade do povo brasileiro**. 1. ed. São Paulo: Escuta, 2018. p. 177–189.
- PINTO, I. V. et al. Profile of notification of violence against lesbian, gay, bisexual, transvestite and transsexual people recorded in the national information system on notifiable diseases, Brazil, 2015–201. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, v. 23, p. 1–13, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1980-549720200006.supl.1> . Acesso em: 15 de maio de 2021.
- SILVA, A. DA et al. Inequidades raciais e envelhecimento: análise da coorte 2010 do Estudo Saúde, Bem-Estar e Envelhecimento (SABE). **Revista Brasileira de Epidemiologia**, v. 21, n. supl 2, 4 fev. 2018.

Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1980-549720180004.supl.2>.
Acesso em: 15 de maio de 2021.

VEJA MAIS

Como é ser uma idosa travesti? - YouTube. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=qhXvc-ozplk>>. Acesso em: 11 mar. 2021.

J. BILT 006 - FutFem em pauta e Papo sobre o Envelhecimento com Heliana Hemetério | Bloco 01 - YouTube. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=TiHbc1KAoUM>>. Acesso em: 11 mar. 2021.

(TRADUÇÃO)GONTIJO, S. **Envelhecimento ativo: uma política de saúde de World Health.** Brasília: [s.n.].